

A morte de um estranho

Andrei Kurkov

A morte de um estranho

Andrei Kurkov

Traduzido do russo por Nivaldo Santos



Primeiro caiu uma pedra a um metro de sua perna. Viktor olhou ao redor: dois sujeitos com sorriso malicioso olhavam para ele. Um deles, que estava de pé junto à calçada de cascalho quebrada, abaixou-se, pegou mais um cascalho e atirou em sua direção, inclinado-se como se jogasse boliche. Viktor saltou, e num passo rápido, quase idêntico ao de uma marcha olímpica, dobrou a esquina. “O principal é não correr!”, repetiu para si mesmo. Parou já perto de casa. Deu uma olhada no relógio suspenso da rua: nove da noite. Estava silencioso e deserto. Passou pela entrada principal. Agora já não tinha medo. Para as pessoas comuns, viver é simplesmente um tédio; as diversões agora não estão ao alcance delas. Até os cascalhos estão saindo daqui.

Noite. Cozinha. Escuridão. Simplesmente desligaram a eletricidade e a luz apagou. Na escuridão ouviam-se os passos do pingüim Micha; ele aparecera na casa de Viktor um ano atrás, no outono, quando o zoológico distribuía animais famintos a todos que pudessem sustentá-los. Então Viktor pegara um pingüim real. Exatamente uma semana antes disso, sua namorada o havia deixado. Ele ficara sozinho, e o pingüim Micha trouxera consigo a sua própria solidão; agora, os dois solitários simplesmente completavam um ao outro, criando a impressão mais de interdependência do que de amizade.

Viktor achou uma vela, acendeu-a e colocou-a numa vasilha de maionese sobre a mesa. A displicência poética da chama o fez encontrar caneta e papel na penumbra. Ele sentou-se à mesa; uma folha de papel entre ele e a vela. Era preciso preencher a folha. Se

6 | fosse um poeta, uma linha rimada começaria a correr pela folha branca, mas Viktor não era um poeta. Era um literato, atolado entre o jornalismo e a prosa vulgar. Nos contos curtos tinha algum êxito. Contos muito curtos. Tão curtos que nem mesmo se pagassem por eles daria para sobreviver.

Na rua ressoou um disparo. Viktor se encolheu e apoiou-se na janela, por trás da qual não se via nada; depois voltou para a folha de papel. A imaginação já tinha inventado a história daquele disparo. A história ocupou uma folha, nem mais nem menos. Nas últimas notas trágicas do conto curto recém-acabado, a eletricidade voltou. Viktor apagou a vela. Tirou do freezer um mintai* congelado e o colocou na tigela de Micha.

* Peixe que habita as águas frias do Oceano Pacífico, próximo ao Círculo Polar Ártico. É considerado um peixe de segunda categoria e é bastante consumido na Rússia. (N. T.)

Ao amanhecer, depois de imprimir o conto recém-acabado e despedir-se do pingüim, Viktor foi a um novo jornal, que publicava de tudo: de receitas culinárias ao resumo das novidades da cena pós-soviética. Ele conhecia razoavelmente o editor; os dois se embriagaram juntos algumas vezes, e o motorista da redação o levava para casa depois.

O editor foi encontrá-lo com um sorriso e um tapinha no ombro. Pediu à secretária para preparar um café e deu uma olhada rápida, de modo profissional, na obra que Viktor trouxera.

“Não, meu velho”, disse ele afinal. “Não se ofenda. Não vai sair. Aqui é preciso mais sangue, ou então tem de ser sobre outra coisa, sobre um amor esquisito qualquer. Entenda, o conto jornalístico precisa de emoções.”

Sem esperar o café, Viktor se despediu.

A redação do jornal *Notícias da Capital* ficava próximo dali. Viktor não conseguiu chegar até o editor, então passou na seção de cultura.

“Geralmente não publicamos nenhum tipo de literatura”, disse-lhe de forma amigável um velhinho, chefe daquela seção. “Mas deixe aqui. Tudo é possível. Talvez em algum número de sexta-feira. Sabe, para dar equilíbrio. Se há um excesso de notícias ruins, os leitores procuram alguma coisa neutra. Eu vou ler!”

Depois de se livrar do visitante dando-lhe seu cartão, o velhinho voltou para a mesa cheia de papéis. E só então Viktor percebeu que nem sequer tinha sido convidado para entrar na sala. Toda a conversa transcorreu no limiar da porta.

Dois dias depois o telefone tocou.

“Aqui é do *Capital*”, disse uma voz feminina. “O editor vai falar com o senhor.”

“Viktor Alekséievitch?”, perguntou uma voz masculina.

“Sim.”

“O senhor pode vir até aqui hoje? Está muito ocupado?”

“Não”, respondeu Viktor, “não estou ocupado.”

“Então mandarei um carro para buscá-lo. Um Jiguli azul. Apenas diga o endereço.”

Viktor ditou seu endereço. O editor, sem dar o nome nem o patronímico, despediu-se: “Até logo”.

“Será por causa do conto?”, pensou Viktor, escolhendo uma camisa no armário. “Não, é improvável que seja por isso. O que é um conto para eles? Bem, o diabo é que sabe!”

No Jiguli azul, que estava parado na entrada principal, havia um motorista muito educado. Ele conduziu Viktor até o editor.

“Igor Lvóvitch”, apresentou-se o editor, estendendo a mão. “Prazer em conhecê-lo.”

O homem parecia mais um atleta velho do que um jornalista. E talvez fosse mesmo, mas a verdade é que em seu olhar transparecia uma certa ironia, que se origina mais da inteligência e da educação do que dos treinamentos esportivos.

“Sente-se! Um conhaquinho?” Suas palavras foram acompanhadas de um gesto elegante.

“Não, obrigado. Se for possível um café...”, pediu Viktor, sentando-se numa poltrona de couro diante de uma grande mesa de escritório.

O editor assentiu. Depois pegou o telefone e disse: “Dois cafés”.

“Sabe”, começou ele novamente, medindo Viktor com um olhar amigável, “lembramos do senhor há bem pouco tempo, mas ontem passou aqui o nosso Boris Leonídych, chefe da seção de cultura, e disse: ‘Dê só uma olhada!’, e me estendeu o seu pequeno conto. Um belo conto... Então me lembrei de que estávamos justamente falando do senhor. Foi aí que decidi conhecê-lo...”

Viktor escutava e fazia um gesto cortês com a cabeça. Igor Lvóvitch, depois de uma pausa, sorriu e continuou.

“Viktor Alekséievitch, o senhor gostaria de trabalhar conosco?”

“E o que será preciso escrever?”, perguntou Viktor, que no fundo estava assustado de antemão com a nova “colônia penal” jornalística.

Igor Lvóvitch queria logo responder, mas então entrou a secretária com uma bandeja e colocou na mesa as xícaras de café e o açucareiro. O editor prendeu a fala como a respiração e esperou que a secretária saísse.

“Aqui o negócio é confidencial”, disse ele. “Precisamos de um talentoso autor de necrológios, de um mestre do gênero curto. Que seja capacitado, conciso e bastante diferente. Está entendendo?”, ele olhou para Viktor com esperança.

“Quer dizer que devo ficar de plantão na redação para o caso de morrer alguém?”, perguntou Viktor, falando baixo e prestando atenção, como se temesse ouvir uma resposta afirmativa.

“Claro que não! O trabalho é muito mais interessante e importante. Será preciso criar, a partir do nada, um fichário de ‘cruzes’ — é assim que chamamos aqui os necrológios — para pessoas ainda vivas, de bandidos e deputados famosos a militantes da cultura. Mas eu queria que o senhor escrevesse como jamais se escreveu sobre mortos. A julgar pelo seu conto, parece-me que o senhor será capaz!”

“E quanto ao pagamento?”, interessou-se Viktor.

“Começaremos com trezentos dólares, o horário de trabalho é livre. Mas, claro, eu devo estar a par de tudo, saber quem está no nosso fichário. Nenhum eventual acidente automobilístico deve nos pegar de surpresa! E mais uma condição: convém que o senhor escreva com pseudônimo. Aliás, isso é do seu próprio interesse.”

“Mas qual pseudônimo?”, perguntou Viktor, antes mesmo do editor.

“Invente o senhor mesmo, caso contrário pode assinar por enquanto como ‘Um grupo de colegas.’”

Viktor assentiu.